

SENTIR
NÔMADE

Livro 7

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal

© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação

Ao meu filho Eduardo Oliveira Hallal

Roberto Curi Hallal

NÃO ME RETIRO

Não me retiro da minha humanidade, minhas lembranças nunca desaparecidas especulam retornar utopias renascidas, para não morrer de fome, meus sonhos procuram influências, patrocínios, chancelas, apoios. Com as dúvidas interditadas poderei aumentar as certezas, abrirei as comportas para liberar sentimentos congestionados, iluminarei a tristeza para dar-lhe um cordial descanso enquanto coordeno meus movimentos e me livro dos artifícios que me tentam roubar as emoções jogando-me nos braços de uma indiferença feliz para ser um desastrado autor que exalta a crueldade.

NADA ESTAVA ESCRITO

Nada estava escrito. Aconteceu, Chegou como um imprevisto, passos lentos e silenciosos, deitou nos meus pés. Esse destino veio bem dito adornar a vida. Criar um novo sentido, novas saudades, outra história. Chegou falando novas canções. Veio um pouco mais do que um instante. Depois, seguiu seu caminho, foi-se sem avisar, só como chegou: sem promessas.



LUZ PRÓPRIA

A vontade chega com luz própria, com delicadeza se mete entre parêntesis, travessões, parágrafos, pontos e vírgulas. Mistura-se à noite, à página e ao ato. Dá à alegria o lugar principal, cala a censura, desassombra o medo, sacode o patrimônio, inventa utilidades, bons presságios para ser bem recebida. Erotiza a suficiência, ri com gosto; sensível às graças, aceita elogios, exagera no bis, no chocolate, no beijo na boca, e em outras suaves gentilezas na hora de dormir.

ENTREGO AO SILÊNCIO

Entrego ao silêncio o involuntário esquecimento, retorno procurando as fictícias distâncias que são uma parte de mim, da paisagem; elas, as distâncias, estão no cheiro do cedro, na umidade da terra, na saudade de cada dia. Carrego água pensando no deserto, no fardo-mascate; se digo água, penso tantos mares, suores fenícios, água-corrente, copiosos prazeres, alma lavada.



AS VELAS

Rendo-me a vagar por aí feito vento pertinaz, temporal, chuva, donos da minha rota e do meu destino. Perspicaz, esse vento aprendiz, desajeita as nuvens, move os mares, escolhe o lado por onde encarar as velas.

PALAVRAS DISFARÇADAS

Algumas palavras disfarçadas carregam afetos fragmentados. Emprestam suas sombras seguindo uma ideia preestabelecida. Com uma inspiração ousada viajam por espaços imaginários, cogitam ter boas ideias, romanceiam quimeras abandonadas, sonham lugares, embalam ilusões. Essas palavras são rastilho entrando pelos olhos, dão o sinal para desvendar o apenas suspeitado. Reservadas, evitam prevenir, formular, avançar, expor. Abafam sob a estreiteza do sonogado a plenitude dos seus sentidos.



PÃO DO ESPÍRITO

Desfaço a frieza da minha indiferença quando diante do alimento, encontro a boca aberta, aplicada na atenção, no pensamento, no gosto de sondar a trilha, agilizar a controvérsia, recusar o protesto, agravado pela fome a cata de um quando, um com quem, um o quê, um como assim, insistir ao alcance de uma indicação de onde encontrar o trigo com que se faz o pão do espírito.

QUÃO DIFÍCIL

Quão difícil ganhar o pão, recolher a solidão, a falta do amigo, o exílio forçado. Quão difícil sobreviver à intolerância sofrida, ao sim imposto, ao temido não, ao barulho que atormenta, a falta de cooperação, a proteção sem cuidados. Quão difícil é fertilizar o proibido, sustentar a mentira, inventar uma nova utopia, guardar um segredo, manter um grande amor, inverter a injustiça, desdobrar a esquina, atar os laços, satisfazer a exigência, desatar os nós. Quão difícil é voar em direção do sonho perdido, ver a prudência antecipar-se ao erro, encontrar disponível a harmonia, ter reserva prévia à invasão, o descarte das guerras, a eliminação da política, a cara lavada, a isenção das culpas. Quão difícil encontrar afagos sensatos, igualdades distribuídas, vontades disponíveis para uso geral, desde que seja o principal. Quão difícil!

OS IMPOSTORES

Os impostores louvados fazem e se desfazem da justiça de acordo com o que lhes convenha - agridem a chaga com uma ferida maior.



QUISERA

Coube-me enfrentar os vestígios da água salgada, da dor difusa, do peito escaldado e do osso gastado, da pele arrancada que tenta fugir do seu lugar. Torno-me brasa, presto-me um favor sendo infiel às ordens, às ofensas, só não alcanço escapular ao uso sagaz das palavras engatilhadas, dos olhares fulminantes.

SOMBRA

Não reconheço a sombra que anda comigo. Insistente, me atinge cruzando como uma passageira que me multiplica, tornando-me banal. Reivindica-me as mesmas origens alegando ser viciada em encontros e desencontros. Sugiro-lhe outras companhias, ela insista em permanecer. Está inscrita em mim como uma tatuagem em negativo, testemunha minha vida, silenciosa, vive de repetir-me, me assiste na melancolia, na alegria, no dano e no ganho. É nela que se esconde toda minha memória.



A DOR

Amenizo a dor viciada que me invade a memória, ponho a cor da saudade no meu inventário. Audaciosa, a memória reafirma a dor. Quando percebo que ela se faz passar por sentimentos, expulso-a como se não fosse minha; ela se retorce, tentando convencer-me de que irá me dar frutos. Conhecedor da sua cor e do seu peso, viro a cara, deixando-a doer sozinha.

INIMIGO DA VEZ

De tão banalizada, a dor já não abala; de tão promovida não mais espanta. Desconfie da realidade divulgada com hora certa, seletiva, a nos indicar qual morte aplaudir, qual velar, qual o inimigo da vez.



VOU

Exilado de auxílios, perco o hábito de reaparecer. A memória cega e o medo do tropeço sem controle são inconvenientes ao passo seguinte, desafios atemporais que me roubam o equilíbrio, sou vencido pela força gravitacional que me convida a tropeçar no pó sem contestação.

NAS VITRINES DA MINHA VIDA

Sigo pensando nos parênteses da vida e, se a realidade, alguma vez me permitirá dar espaço a sonhos nos quais eu possa viver. À maneira de nuvens, pairar, desaguar em quem amo; à maneira de pássaros, buscar abertos viveiros; à maneira de horizonte, ser distância; à maneira de descaminho, ser procura. E, sendo dúbio, poder vir e ir sabendo ser querido e temido, erguido e caído, tecendo e cortando retalhos e fazendo cortes, e enxugando a pressa, e procurando as casas generosas e aquele que fui, seguidor de qualquer multidão para não ficar só. Dormir amotinado, despertar pirata, enfrentar as mentiras e livrar-me do molde, salvar os olhos envidraçados onde ainda cabem as vitrines de uma loja de tecidos encravadas na minha infância.

MOTIVOS PRÁTICOS

Nesse tempo misturo a origem até unir os episódios vividos. Pratico motivações, alvoroço a alma dentro do corpo inspirado. Submergo de uma fusão dos ossos fortalecidos, das feridas saradas, dos desejos mais ousados.



SAIAM TODOS DE CASA

Saiam todos de casa, cada um leve sua chave caso queira voltar. Levem muitas histórias, todas, quantas não frequentadas nas calçadas ocupadas pelos truculentos de todas as cores e classes sociais, traficantes de esposas, de crianças, de armas, de capitais. Saiam de casa e levem seus objetos de valor, levem às fotografias guardadas, as roupas com afeto, as lembranças, as letras das músicas que os ruídos atuais não cantam mais, levem seus beijos não dados, leve o tempo não vivido, o medo de se encontrar, a desesperança

costurada pelo ultimo voto inútil. Levem o certificado de eleitor para não esquecer. Ponha nos ombros a última carta de amor, a foto do filho criança, do tempo amarelado pelo tempo e a espera que haja o retorno de quem foi. Saiam, levem consigo as palavras não ditas, as ofensas ouvidas, os pássaros mortos, as plantas intoxicadas. Levem consigo os impostos adulterados, o aumento dos deputados, a injustiça e os sequestros diretos e disfarçados. Levem os sonhos adiados, as mentiras ouvidas e as invasões territoriais, as guerras, os falsos motivos, as desculpas não pedidas, o erro não reparado. Levem as crianças, a tolerância, os direitos e os deveres, levem algumas virtudes, eles se farão necessárias em caso de encontrar o corrupto que lhes peça alguma prova de que tu és tu. Deixem os metais, não passarão com eles pela indústria da segurança que apalpa inocentes e inocentam culpados traficantes, banqueiros e outros donos do dinheiro alheio, inclusive os estados terroristas que fabricam armas e a invadem países sem que ninguém nos proteja deles.

Saiam todos de casa sem nada perguntar, desfilem silenciosos, agrupem-se por necessidade, deem-se os ombros por fraternos, abracem-se para flutuar, animem-se para não perder o rumo, deem-se as mãos para não perderem os sonhos.

REINVENÇÃO

Não sei o que fazer desses meus sonhos que nunca acabam de reinventar-se.



AS ORIGENS

Sendo indispensável para a vida, o amor oferece o sentido de uma concepção unitária desde onde a vida se perpetua e brota, sendo, a partir daí, a construção da vida mesma, iniciando-se como um ato íntimo, como um capítulo primeiro.

QUANDO A DOR TRANSCENDE AS ATENÇÕES

Tua contundência foi tal, que me restou muito pouco por dizer. São meus atos a essência do que eu sinto, promovo, mas o que sou é a soma do que sinto e conheço. Não quero viver de alternativas, preciso inventar uma cultura própria para nosso encontro, uma obra nossa, sem tantas incertezas, sem fiscalização, sem tantas regras, sem desconfortos.



ESSE AMOR

Esse amor ancorado anseia-se peregrino. Esse amor sem rótulo espera fronteiras. Esse amor sem rumo procura ninho. Esse amor sozinho quer ficar junto a ti.

CARÍCIAS

Subsistem ao tempo a ilusão, a propensão, a repressão, a madeira, a carne e o osso revelam de onde sai a vida, o nome do autor e a origem da obra. Quantas somas, cruzas, trocas, caricias baldeadas para o corpo com que se confirmaria o intento e a realização.

Com o tempo ganham intensidade a casa, o medo, a preocupação que avaria a expressão da saudade.



DUAS GARDENIAS

Dispensar os jardins suspensos, quero todas as flores em minhas mãos. Destituirei o adeus definitivo voltando quantas vezes precisar. Nego-me a acumular, não quero ter mais perdas. Economizo a memória, sonharei com o que valha a pena. Só falarei com quem me escute. Admiro sem esperar retorno somente a lua e a paz dos cemitérios.

TESTAMENTO FANTASIADO

Espíritos soberanos armazenados reaparecem no rascunho do meu testamento. Contam todas as vezes que suspiro, descontam os batimentos que ainda faltam ao meu coração. Enlouquecidos, não decifram os códigos da minha alma, que, desobediente, sai por aí sonhando travessa e qualitativa, não aceitando as renúncias, querendo somar as belezas ainda por ver. Essa minha alma não se habitua à aposentadoria, à dor no peito pelo o luto crônico. Apressa a pressa, caminha devagar, prudente e cautelosa, cuidando do dia a cada dia.

Deixo as orações para aqueles que me encomendem a alma. Descrente, cedo um pouco do calor do inferno para a paz fria do céu, convoco os tolerantes do purgatório a festejar as penas brandas do limbo. Fecho minha viagem sabendo que eu e ela viraremos pó, por aqui.

ADMINISTRO UTOPIAS

Arquiteto da utopia, seco as lágrimas de crocodilo, mantenho o pássaro que em seu voo aterrissa na minha mão, enquanto tu desejas os dois voando. Eu passeio em um parque de diversões em algodão doce, furo o camelo com a ponta da agulha para que não se meta a passar-se por meu inimigo em seu caminho ao céu. Adoto um palhaço que leva um “joão-bobo” pela mão. Eu faço da noite meu dia. Exerço a minha triste solidão, encerro meu ódio disfarçado de silêncio para não te causar mais danos.

VALE A PENA

Vale a pena guardar o lado bom do pecado, o quase amargo do mel, a casca que guarda o principal da fruta, a vantagem da não ida, a descoberta do ficar. A vantagem da cópia, o adiamento nas atropeladas urgências, a luz que devolve, iluminados os sonhos. Embora as evidências mandem quebrar todos os espelhos, o tempo me pede para vestir as guardadas roupas de domingo, a companhia das estrelas. Invento-me divertido quando não posso chorar; faço de tudo e um pouco mais no desconcerto.



ÚMIDOS POROS

Contigo dou adeus ao temerário desalento. Tenho a vantagem, adquiri o crédito, a audácia, a tua companhia. Sou prudente no que digo, vivo, ordeno, ganho. Já não me basta um amor de subsistência, sei da coragem ordinária e extraordinária. Propago o uso da carícia que te encanta, o toque geográfico e o gemido ancestral.

VERSOS

Invento um sonho novo, cumpro desejos. Um suspiro de alívio anula a dor investida e a ofensa ofertada. Caio na tentação de liberar todas as sensibilidades, desabituar-me das autorizações. Abordo a solidão oferecendo-lhe uma companhia. Torno mais profundas as expectativas, faço extrema a próxima vivência, desato a história emperrada pelas penas ali deixadas, limito o espanto, realizo atos que me convenham. Dou ao verso extraviado uma canção.



QUE SEJA DADO

E que seja dado aos teus olhos o direito de descobrir a cor da terra em que pisas, o tamanho do universo que te acolhe, a generosa dádiva que te acompanha, como a água cristalina que te aguarda no oásis.

ALENTO

Com ou sem alento, até não poder mais, um dia não estarei mais aqui. Não haverá mais frente, cuidados, nada será mais meu. Estarei diante do finalmente, fusionado com a terra; pó da origem.



EU E O MENINO

Segue havendo dentro de mim um menino, que brinca com os olhos, com as fantasias, com os dedos; só, mas intimista, mas disfarçado. Olho para ver onde as pessoas estão olhando, ouço o que dizem e para quem dizem, nem sempre entendendo o que querem dizer. Experimento todos os pares de sapatos e os sorvetes da vitrine e me imagino beijando a boca bonita que passa sem me ver. Dissolvo algumas cobranças fingindo não serem para mim. Promulgo algumas leis que façam justiça, elimino os castigos, me exonero dos deveres absurdos, não pago as dívidas que não contrai, aceito

todos os ruídos que meu corpo ordena sem vergonha, exploro o terreno do próximo passo; meus joelhos agradecidos caminham mais firmes e calmos. Não acredito em anjos, mas gostaria de suas companhias. Estimo e falo mal convicto, ainda que sonhando. Facilito o impossível, não gosto das despedidas. Omito-me para evitar o pior e falho quando não consigo. Tropeço no escuro e mantenho o medo de odiar, tamanho o ódio. Altero o que não é permitido quando não concordo com a ordem e com quem ordena. Por interesses particulares, faço sociedade com a mentira. Governo-me melhor de dia que à noite, quando há menos fantasmas e menos ameaças. Abandonei a fé que não entendia, o ritual que só repetia.

Faz agora muito tempo que trocamos recíprocas e íntimas confidências; o menino e eu.

CAMINHOS SECUNDÁRIOS

Venho para dirigir meus passos, controlar o segredo que me equilibra. Oculto a fonte sem deixar vestígios do caminho das pedras. Não tivesse deixado marcas, nada haveria. Sempre escolho um caminho secundário, considerando o mais seguro. Levo comigo algumas histórias, as rotas fenícias me provaram o contrário.



AMNÉSIAS

Minhas amnésias estão cheias de recordações, minha solidão é acompanhada pelos que me amaram, as imagens que guardo de meu passado convivem com o meu presente e meu futuro. O tempo não apaga o que quero recordar; eu é que me esqueço de lembrar.

CONHEÇO

Busco minhas fontes entre cedros e trigos ancestrais sem poder responder à idade do pai milenar. Vivo dentro de uma solidão teimosa, aconchegante, submetido ao mando da fantasia que me habitua à natureza que me compõe dentro de um silêncio que me nutre os sonhos. Promovo intimamente novas alegrias, invento composições, novos rostos, corrijo cores, imprudentes palavras. Não perco o compasso da vida, abandonei os pretextos. Vivo a vida que tenho que viver, sou quem sou, me mantenho sensível às graças.

COISAS DO TEMPO

O passado que se faz presente inverte ordens e faz o relógio perguntar-se se é o verdadeiro marcador do tempo.

Prudente seria saber que com o tempo perderei as forças, se irão aparecer menos intensas as expressões dos desejos, menos efusivas as manifestações. Se serei menos pretensioso para exercer limites entre o que aspiro e o que posso.

Sabedor de que a vida começa a cada instante resignificada como se fosse a primeira vez em que foi produzida, descubro-me em constante recomeço toda vez que uso o desejo como escudo contra o nada. Então me convido a novos assombros como forma de passar o resto da minha vida solicitando mais tempo, conhecendo novas testemunhas.

POETAS DESCONHECIDOS

Por que me interesse pela sorte desses poetas desconhecidos? Eles me excitam a benevolência, se introduzem na minha casa. Recém-chegados, promovem contrastes, adquirem foros de permanência. Invadindo o meu cansaço, inventaram investir, dando-me acesso à inspiração; consertaram em mim o tempo, tiraram proveito do pouco uso, descobriram o que eu queria ocultar: a vontade maltratada sujeitada a assuntos forasteiros, executando apagar da memória o fruto, o recurso e o enredo, os premiados sabores, as meigas evitações, as penas de amor.

ACUMULADAS ESPERANÇAS

Há em minha busca incessante um órfão sentir, um desconsolo que rechaça todas as possibilidades em que não estejas incluída. A exclusividade do meu desejo, antes de despertar-me alívio, lesa minha capacidade de relacionar-me contigo. Todo meu sentir nômade procura por ti. Necessito pôr ordem na minha vida, pois te quero mais que a mim. Sou portador de acumuladas esperanças.



AS FONTES QUE ME INSPIRAM

As numerosas fontes que me inspiram a vida são alegorias a dar sentido à minha imaginação. Orientam uma sensibilidade que evoca referências explícitas para torná-las presentes onde menos espero. Fico subordinado ao modo de sempre refazer novas tentativas. Todos os capítulos da minha vida são conservados como documento antigo. Neles reúno o não cumulativo que me faz singular, mensageiro da minha história em

qualquer época; reagrupos os mil exílios que vivi. Esses guardados são como uma literatura não publicada, jorram das fontes que me inspiram, são fragmentos antigos, uma antropológica maneira de tornar preciosa a única vida que me coube, para criar um enredo com possibilidades de expressar em paz todas as fontes dos antepassados que me inspiram.



POR ONDE CAMINHA A POESIA

O percurso da poesia atravessa a noite, alterando uma perplexa agonia. Rememora o corpo jovem, ausente, impossibilitado de reproduzir-se, expatriado. Ainda que tente enganar, apresentar-me como se eu fora outro, todos reparam nos meus conhecidos defeitos, nas minhas velhas manias, minhas inevitáveis impaciências, consequências do excesso de paciências mal usadas. Enquanto prossigo meu trabalho, a voz acompanha a rima, progressivamente revela uma desolação sem escrúpulos: esqueci-me da palavra que consola e que acalma a aflição.

CENA INTACTA

Deixei a casa paterna estendendo-me para além do corredor onde minha gente comia junto, povoada de afeto. Deleguei os laços aos cartões postais e a algumas visitas ocasionais. Da minha janela via o mundo, antes e depois do bar da esquina, ditando o silêncio e a bagunça. Não havia motivos maiores para sair, assim mesmo saí, as fronteiras que me cercavam ficaram pequenas enquanto pensava encontrar tudo em Buenos Aires. Não saí sem antes prometer-me que não voltaria. Por consideração, não quis que minha decisão merecesse reparos ou arruinasse meus planos para ter uma identidade. Deleguei a cada coisa minha, ali deixada, o direito de me representar quando minha ausência fosse notada. Não posso deixar de pensar que ainda sigo deixando-me levar por aqueles apetites. Considero que, feitos alguns reparos, ainda sigo recuperando os aromas da comida de minha mãe, a sua generosidade em ofertá-la a mim, presença que ainda me acompanha.

O último que saiu, não fechou a porta da casa. Ninguém desfez o lugar. A cena mantém-se intacta. O vigor da memória faz-me seguir entrando e saindo dali todos os dias.

HUMILDE MEMÓRIA

Sai da minha memória o cheiro do pão. Devagar, às quatro da tarde, caminho em direção à mesa do café, que vazia espera o meu sentido inventor. Dividido e descuidado, devo alimentar o fogão com a lenha. Adoto um completo estado de generalizadas tarefas. Alcanço reunir um simples feixe de coincidências, pouco ofertadas, forjadas como sinceras e gentis lembranças que se oferecem quase reais. Inunda minha mente o aroma dos sonhos fritos, a mão generosa que os moldava, o açúcar, a canela envolvidos, e os afetos transportados no quibe frito, na kafta.

Para seguir vivendo, recupero esta parte da vida, com a condição de voltar à cozinha, beber na caneca ágata, pedir com o prazer máximo o feijão com arroz humilde e conhecido. Incluo o sorriso de minha mãe a temperar o humor de todos. Grito e calo quando ouço a lembrança voltar emudecida e nada se instalar. O tempo me retribui à fidelidade, vai-se meu contentamento, a alegria da infância. Preciso da permanência desse prazer.

Nada deve pôr a perigo a espontaneidade. Talvez jamais admita a aceitação dos motivos que sustentam

esses meus desejos. Ficou tão estreita a ação, que se mistura ao tempo, os sentidos, a memória espontânea e receptiva convidando a um profundo e sincero encontro, casual. Metido sem previsão, deixa registros, e é por isso que a memória responde com o entusiasmo da recuperação. Ela não tenta corrigir, ela inaugura de novo uma fascinação abandonada, que eu supunha haver perdido.



COMEMORO

Preparo um tempo de comemoração, estimo a prevalência da alegria e do prazer, me integro aos consumidores da vida. Reforçarei as fragilidades para que elas não se transformem em verdades, deixarei as principais respostas para depois, quando já não possa mais optar. Então, já nada será tão importante: eu, o que fiz, o que deixei de fazer, o que pretendi, o que alcancei, os propósitos, as consequências, os erros e os acertos, a razão e os atos. Cansei de viver no regime de

consultoria permanente, falta-me tempo para revelar tudo o que deixei de fazer, devo devolver-me o terreno invadido, dar-me o direito de posse aos meus pedaços renunciados.



A IMENSIDÃO DO DESERTO

A dimensão do deserto é familiar aos que o frequentam, aos que calculam seus riscos e nele aprendem a viver. Ele guarda sem portas, sem sequer anunciar instigantes mistérios. Convida-nos a andarmos em grupo, e a sobrevivência depende de muito mais do que orações ou acasos. Nele, o vento quente dispensa ventarolas, a noite fria carrega areia, estrelas e imensidão. Quando atingimos o próximo oásis, percebemos a miragem nunca alcançada, sempre um pouco mais longe dali. A desordem das ideias impõe um roteiro caótico no rumo. Chegamos a esquecer o próprio nome, dispensamos todas as instruções, caminhamos sempre no oposto do conveniente. Os olhos fixos e distantes carregam

um olhar desconexo insuficiente para alcançar alguma meta. A obstinação imperativa incentiva fantasias especiais, enquanto a calma é tanta, que participa do silêncio e compõe uma cantiga aos afetos desmedidos. É insuportável a solidão que o deserto conscientiza, só há a areia como testemunha. Trazida pelo vento, ela tropeça no rosto, a roupa fica leve para guardar a pele queimada. Sente-se o frio da falsa proteção, o deserto escasso de casas e ruas. Tudo pode acontecer até o próximo dia.

INSTANTES FENÍCIOS

Cheguei a tempo, à idade em que tenho que me ocupar da idade. Cheguei a esse refúgio aceitável em vigília, dei-me conta do cuidado de fazer desse caminho algo menos monótono, como levar fardos de algodão.

Evitarei os silêncios excludentes, os olhares curiosos que me passam em revista. Meu principal interesse consiste em negociar, guiar águas na descida das montanhas para evitar o desperdício, vender o benefício das companhias que aceitem o ato humano de errar e acertar. Ainda que me vendo bizarro, tento parecer que estou guardando algo precioso, nada que traga perigo iminente.

Por instantes, pareço rodopiar no tempo de forma inapropriada. Dominando minhas críticas, tentei incluir esse que me tornei. Não sei o que fazer desses meus sonhos que nunca acabam de reinventar-se. Da vida poderia cobrar alguns favores que não me foram devolvidos, alguns méritos negados. Desgostoso, poderia queixar-me como todos aqueles que desaparecem sem deixar rastros. Evitarei perder todo o juízo. Juntarei as partes diversas para alertar-me da necessidade de manter certa cerimônia com a vida.

Difícil seria dizer o que espero dos demais; seria como dar uma sentença, uma despedida sem fim, uma coisa prevista. Não partirei improvisadamente, advirto que terei licença para partir. Não me negarei a ter algumas tentações, algum desafio e alguma resistência para deixar tudo o que amo.



CONVOCAÇÃO

Havendo aberto todas as portas, parti na frente do tempo, preparei provisões, alimentei-me da ternura das fábulas de Ibn Al-Muqaffa , montei no tapete mágico, fiz de tudo para encontrar um lugar onde descansar minhas lembranças. Jamais consegui ficar insensível, sentir-me abrigado. Evitei esquecer as recomendações colhidas na minha escuta infantil.

Cheguei atrasado. As diversas lembranças não foram capazes de se sustentar.

Convoquei minha juventude para depor sobre todas as necessidades que teve na vida, como falar das

despedidas, das promessas, dos mortos. Falar com sinceridade, para ser compreendido, com a dureza do cedro e a suavidade poderosa de um conto infantil. Ficar desnudado. Mas fico sem saber o que me dizer; temendo ser punido, não confesso o que vi, finjo não me conhecer intimamente, simulo ser um transeunte, ao acaso.

Tristes pensamentos esses que eu sofro quando sinto o vazio que me habita. Minhas lembranças não escoam. Quase vejo fantasmas, me impulsiono a beijar retratos declarando amor. Devo-me um acerto com o passado, que abandonei. Quero de volta aquele tempo vivido, não para que eu recorde, porque eu não soube esquecer, mas para que ele me indique o caminho de ir e voltar, me acompanhe e me proteja.

PONTO DE ENCONTRO

Neste meu lugar quero o tempo que é meu. Repito um sonho que me confirma a memória, me olha atento, espera que eu entre em cena, recém-saído de uma dor cotidiana qualquer que quase não deixa rastros. Aqui espalho livros repetidamente lidos. Fixo nas paredes umas lembranças. Um quadro de avisos em silêncio guarda algumas notas de algo já vivido, que deixou significado.

Faço deste lugar um ponto de encontro.



ESSAS MEMÓRIAS

Quando surgem, essas memórias invasoras põem saudades nos meus esquecimentos, levam de passeio um passado que vai por dentro desse que fiquei agora. Comparo-me com antigas fotografias; elas revelam-me, na estática figura que ali ficou imutável, um momento em que eu sonhava ser feliz. Lembram-me

o que se passa comigo quando percebo que elas têm sentimentos registrados, já que nem todas as minhas recordações provêm da memória. Elas me deixam um rastro de saudades recuperadas de um arquivo familiar perdido. Preciso remeter minha vida ao que fui naquele lugar, onde provavelmente ensinaram-me quem sou. Prolongo esse sentir para fazer minha existência mais humana, ponho um novo sentido nesse velho sentir que me mantém e me guia.

Por motivos que ainda não identifiquei, revelam-se mais aceitáveis as memórias onde couberam provocações que me desafiavam a paciência e onde a desconfiança me convocava a ser melhor.

Estou inclinado a crer que essas recordações me provocam ecos, criam uma extraordinária e tranquila certeza. Unificam e evocam uma inspirada razão para criar a próxima memória.

TEMPO

Entre os olhos que distinguem, existem mágicas descobertas sobre as coisas vistas. As fantasias se acrescentam quanto mais me chegam os anos. Diminui-me o medo de viver entre harmonias espalhadas. Nas coisas mais elementares como um movimento, uma cor, um vento, um pôr-do-sol, faço descobertas das numerosas formas que despertam o encanto da apreciação. Sem a pressa dos últimos anos, me subordino à exigência de ter tempo para deixar acontecer. Quando acontece, saboreio o acaso. A vida escolhe através do espírito amadurecido pela experiência. Torno diverso o mesmo sentir de sempre, dou-lhe a forma com outro contorno, embora nele veja o de sempre, esse meu jeito mediterrâneo de sentir exagerado.

POR QUE TANTO TEMOR?

Como esta dor não cicatriza, expõe toda a fragilidade que me desatina, ela entra silenciosa, quieta como a noite. Chega se faz presente, reveste o corpo com feridas permanentes. Não avisa quando chega. Tento evitar o sofrimento antecipado. Esta dor me trata iluminando e desafiando a intromissão da novidade que insiste em apresentar-se atemporal, dando sinais da finitude. Esta dor, ora óssea, ora muscular, gengival, intestinal, abdominalmente vesical, lacrimal, apresenta-se aos gritos ou como a mudez que depura as palavras. Nega-se a aceitar-me vitalício, portanto fica decretado a partir de agora que a previsibilidade será defendida permanentemente pelo tempo de cada existência pondo avisos efêmeros por onde passe.

Entre a vida e a morte há um tempo que dilata as relações entre mestres e aprendizes, passando todos a serem ambos. Alternando-se poderes e saberes, acaba-se essa pretensão de governantes fixos e eternos. Provocativamente a dor atira na cara que somos pessoas antes de titulares, reservas e temporais. Os fermentos que fazem crescer a soberba também põem travas nos excessos, nos orgulhos desmedidos, avisando-nos da cova comum. Não bastará para qualquer horta que se ofereça módico canteiro para ali germinar.

EMENDANDO OS CORAÇÕES QUEBRADOS

Nesse lento envelhecer, convivendo com os líquidos que saem precipitados, de improviso, sem aviso, em qualquer lugar, como precipitação momentânea, sem consulta, a aflição deixa suas marcas.

Todas as artes de que o corpo é capaz produzem encantos, sustos, olhar irrequieto que corre e percorre quilômetros de peles até encontrar o gosto, o sabor, o cheiro, a cor, a elasticidade que torna os sonhos possíveis, uma via a ser explorada e uma vontade de fazê-la familiar. O desejo faz sua convergência. Meu corpo é o verdadeiro lugar do tempo. Vivo de inesquecíveis passagens -as que engrandecem e as que envergonham. Submeto todas elas à categoria que ameniza a dor e à exaltação para poder digeri-las. Acabo em um enredo que tenta ensinar-me uma tolerância estendida. É quando me sinto fazendo parte de um universo harmônico. Faço a proeza de seguir vivo, buscando aprimorar a arte de viver, tirando o foco das dores e apoiando-me no que não dói. Enquanto posso, empurro para adiante aquele sereno lugar da paz eterna, o espaço mais evitado por todos.

MATERIALIZO

Tenho a ventura de viver entendendo o que a vida me oferece. Por orgulho, jamais deixarei que o belo se me escape ao instante conforme esse milenar olhar mediterrâneo que se difunde em mim. Todos os caminhos indicam fortes traços. Sinto-me concebido com alguns significados que me transcendem. Essa significação exprime o conjunto de muitas criações, materializando o adorno que em mim compõe alguma virtude. Carrego caravanas, desertos, cedros, naus, comércios, afetos, principalmente afetos.

ORIGEM

Não abandono meus fantasmas por medo. A razão é o entusiasmo das histórias que regressam desde um lugar onde ninguém volta: o passado. Haver seguido o caminho indicado deu-me orientação para escolher à esquerda e à direita. Empilhados, todos os acontecimentos que marcaram a vida dos meus antepassados não couberam na tumba que foi adquirida para guardar corpos. Detido nos informes, nas narrativas, o estado de conservação dos mitos seguem dando sombra aos fantasmas que me olham desde uma fotografia, desde um prato, trazendo um cheiro, permitindo o resgate. Os vestígios recuperados dão permissão para identificar o que chamo de mito que me precedeu sem ter sabido que me iria conceber. Localizo em mim um conjunto de manifestações que me transcendem. Quando visito algum refúgio, entro em intimidades, em um interior que quase se perde nas habituações, nas levianas urgências que desfiguram as intensas relações com outras gerações que me habitam geneticamente. Esses sinais dispersos formam um código que não consigo entender, conforma conjuntos, evidencia riquezas, exterioriza culturas. Quanto mais me interiorizo, mais se estratifica o desconhecimento, ineditismo que aumenta o mistério da existência.

Quanto maior a pesquisa, maior o desconcerto. A condição em que cada mito se manifesta desafia a razão e a coerência. Esses conteúdos dos ideais que são familiares e contribuíram positiva e negativamente na construção da minha personalidade.

A restauração deste conhecimento deu sentido à minha existência.



DESEJOS DE PRIMAVERAS

Verto quatro primaveras neste desejo de transformar sentimentos em palavras escritas que despertem olhares que me encontrem. Ando buscando caçadoras de suavidades, pouco disponíveis nesses tempos de supérfluos. Grande é a serenidade que almejo para seguir aumentando a confiança nessa tentativa de ser querido, sem adversidades. Quero um luminoso olhar que anuncie novas emoções que deem chance a um pouco de felicidade. Perdido em meus passos, o vazio me entristece, invadindo-me e privando-me do prazer do desejo sonhado. Extraviado o rumo das soluções, pesa na balança haver sido devorado por enigmas que não consegui decifrar.

RISOS PLURAIS

Faz trinta, quarenta versos que minha juventude apegou-se a sonhos fabulosos. Chamando a tudo de meu, abraçava o futuro, enfrentava o desconhecimento mesmo quando faltava a coragem e sobrava o medo. Ainda não havia sido apresentado ao pessimismo quando descobri o amor avançado dos adultos. Aproximei-me de uma inteligência que apaziguava, deixando-me compreender alguns sentimentos que até então não conseguia nomear. Aconteciam risos plurais, fundamentais para a paz.

DAS FONTES

Não sustento em mim os bens concomitantes. Assim, toda vez que me percebem coerente, na verdade estou a omitir ou a esconder alguma incoerência. Nunca confirmo o favorecimento para não mentir. Tampouco sairei contando por aí minhas fragilidades para que a mão do inimigo me jogue pedras ou erga muros de exclusão. Nunca me candidatei a ser deus, nem persegui a perfeição. As fontes da dor são as mesmas em mim que em outro qualquer. Isolo-me para os mesmos isolamentos quando me ofendem e as mágoas apartam de mim o que de melhor tenho. Mas aprendo me fortaleço com as vivências.

A mina de profundas riquezas, provinda das minhas origens, não cessa de brotar em mim. Sinto-me o narrador dos sonhos de muitos, representante da esperança que imigrou com algum mascate até chegar a ser o que levo em mim.

Roberto Curi Hallal

